

4.<sup>a</sup> Argumenta Rodrigues Miguéis com que eu já tinha conhecimento das suas divergências com a SEARA NOVA, por uma palestra que ocorreu em Paris. Necessito de aludir, também eu, a essa palestra, porque foi nela que se manifestou a incompatibilidade fundamental, — que não é aqui uma incompatibilidade de ideias, mas de atitude e de orientação.

Manifestou Rodrigues Miguéis um certo pendor para o bolxevismo. Eu opus, por meu lado, as minhas discordâncias com tal sistema, pois não admito restrições à liberdade de consciência. ¿E que verifiquei em Rodrigues Miguéis? Que ele não tinha fé nesse sistema como num ideal a realizar, mas que achava necessário, hoje em dia, mostrar-se um homem bolxevista para conseguir interessar realmente as «massas» e arrastar os operários para a acção política. E foi aqui que eu protestei; porque aqui (neste sacrifício da verdade interior às conveniências externas da acção política) é que para nós reside a divergência básica. Foi muito menos uma doutrina que a atitude mental de Rodrigues Miguéis o que o incompatibilizou com a SEARA NOVA. Porque muito acima da acção política pomos nós a veracidade crítica, a plena sinceridade da inteligência, o Deus em Espírito e em Verdade da conversação com a Samaritana; e o que mais define a SEARA NOVA não é o conjunto das suas teses, mas a sua atitude espiritual. Divergências de teses pode haver entre nós; mas não as deve haver de veracidade, de disciplina crítica, de ordenação intrínseca. Antes de tudo a SEARA NOVA é uma espécie de religião do intelecto, religião de pura espiritualidade, de constante aperfeiçoamento interior.

Á vista disto, tudo se explica. O caso de Rodrigues Miguéis é conhecidíssimo em psicologia. O nobre moço, neste momento, passa por uma crise de orientação moral: e fabrica agora doutrinas vagas, explicações confusas, teorias complexas, que justifiquem *a posteriori* ao seu próprio espírito o que a pura consciência lhe não quer admitir. Por isso ele, que era tão claro, não escreve agora senão confusões. As mais fundas lutas de consciência não são as do dever com a paixão: são as lutas do dever verdadeiro com tudo aquilo que a «imaginação corruta» nos quer apresentar como um dever. Esse descontentamento consigo próprio demonstra as possibilidades valiosíssimas com que pode contar o seu anelo moral. Cumprilhe sair engrandecido e forte dessa luta amarga por que passa agora. Mas o verdadeiro processo não é o que emprega. O verdadeiro é outro, muito mais heróico. Temos confiança que lá chegará.

ANTÓNIO SÉRGIO

## JOSÉ MIGUÉIS

*A saída de José Miguéis, da SEARA NOVA, sendo uma perda de muito valor, pela sua inteligência, pelo seu carácter e pela sua cultura, tem, para quasi tôdas as pessoas do nosso grupo, uma significação sentimental, de enternecida máguia, que não interessa directamente ao público, mesmo aos leitores tão amigos e tão fiéis da nossa Revista. Há, no entanto, uma palavra de agradecimento e de justiça, que eu me julgo no grato dever de pronunciar, e que em nada diminue a absoluta concordância, de Mário de Azevedo Gomes e minha — para só falarmos dos directores actualmente em Lisboa — com a nota enviada de Paris por António Sérgio, Jaime Cortesão e Raúl Proença, e publicada no n.º 221.*

*José Miguéis, durante cerca de oito anos, foi um dos camaradas mais dedicados e mais úteis, procurando, de cara alegre e ânimo modesto, as tarefas mais materiais e mais árduas, com um mixto admirável de dedicação consciente e espontaneidade afectiva. Sem ele — e mais dois ou três grandes amigos — as oficinas da SEARA não seriam hoje uma realidade, porque não haveria a coragem de pedir, repetidas vezes, a outras pessoas, uma confiança abonadora, sem o constrangimento duma hesitação, duma arrogância, dum ar protector ou dum compromisso. José Miguéis parte, perguntando-me se estou zangado com ele. Era escusado dizer-lhe que não. Sinto ainda mais viva e alvorçada a minha amizade de irmão mais velho. E, sejam quais forem os caminhos contrários por onde nos leve a nossa acção política e social, os nossos braços nunca poderão erguer-se senão para o mesmo abraço de sempre, fraternal, efusivo, agradecido pelo muito que lhe ficamos devendo.*

CAMARA REYS

### FÁBRICA DE PAPEL DA MATRENA DE João de Oliveira Casquilho MATRENA-TOMAR

Esta fábrica, dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua indústria, tem sempre nos seus depósitos papéis diversos da sua produção, tais como almassos, escritas, impressões, capas em diversas cores e outras especialidades que podem com vantagem substituir os estrangeiros. São os melhores que se fabricam no País e como tais considerados.

DEPÓSITOS

LISBOA — 96, Rua dos Douradores, 104

PORTO — 99, Rua Duque de Loulé, 109

Telefone em Lisboa: C. 2 5013      Telefone no Porto: 864

End. teleg.: FÁBRICA MATRENA-TOMAR